



A Evangelium Vitae e Evangelii Gaudium: novos tempos

The Evangelium Vitae and Evangelii Gaudium: new times

Cássia Quelho Tavares*

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo

Vinte anos da Carta Encíclica *Evangelium Vitae* (EV): A Igreja vive um momento muito especial, de diálogo, reflexão e profetismo. Os temas relacionados à ética da vida ou “bioéticos” começam a ser mais bem discutidos. Este artigo apresenta alguns parágrafos da EV que estão mais centrados nas questões voltadas relacionadas à vida do ser humano nos dias atuais. João Paulo II, ao escrever sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana, apresentou o Senhor, como o Evangelho da Vida e da Alegria. De forma recorrente insistiu sobre o valor da vida humana acima de qualquer interesse e princípio bioético que contrariasse o bem e a solidariedade. Denunciou estruturas desumanizantes, chamando-as de construtoras de “cultura de morte”, referindo-se às inúmeras formas de violação da pessoa impostas pela cultura contemporânea. Neste período celebrativo dos 20 anos, com uma sociedade que está em sofrimento, marcada por

* CQT: Doutora, e-mail: cqtavares@puc-rio.br

fortes mudanças, surge uma voz profética, o Papa Francisco com a Encíclica *Evangelii Gaudium* (EG) convidando-nos mais uma vez para refletirmos sobre a “dignidade da pessoa humana” e a responsabilidade que precisa ser assumida em todos os aspectos pela comunidade cristã. O Papa Francisco refere-se às novas formas de pobreza e fragilidade e chama à atenção para iniciativas que ressignifiquem da vida humana. A partir do olhar atento para esses dois importantes documentos refletiremos sobre a *Bioética, Dignidade e Direitos Humanos; uma Educação para uma Cultura de Vida e com o Evangelho da Vida e da Alegria*.

Palavras-chave: Bioética. Dignidade Humana. Cultura de Vida. Alegria do Evangelho.

Abstract

Twenty years of the encyclical Gospel of Life (EV). The Church lives a very special moment for dialogue, reflection and prophetic. Issues related to the ethics of life or "bioethics" begins to be further discussed. This article presents the EV few paragraphs that are more focused on issues related to targeting human life today. John Paul II when he wrote about the value and inviolability of human life presented the Lord, as the Gospel of Life and Joy. Recurrently insisted on the value of human life above any interest and bioethical principle that contradicted the well and solidarity. Denounced dehumanizing structures, calling them builders "culture of death", referring to the numerous forms of violation of the person imposed by contemporary culture. In this celebratory period of 20 years with a company that is in distress, marked by strong changes comes a prophetic voice, the Pope's Francis Encyclical Evangelii Gaudium (EG) inviting us once again to reflect on the "dignity of the person human" and the responsibility that must be assumed in all aspects of the Christian community. Pope Francis refers to new forms of poverty and fragility and draws attention to initiatives that resignify of human life. From the lookout for these two important documents will reflect on Bioethics, Human Rights and Dignity; Education for a Culture of Life and the Gospel of Life and Joy.

Keywords: Bioethics. Human dignity. Culture of Life. Joy of the Gospel.

Introdução

Na Solenidade da Anunciação do Senhor, João Paulo II, há 20 anos, entregava ao mundo a Carta Encíclica *Evangelium Vitae* (EV), sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. O anúncio do Senhor é o anúncio do Evangelho da Vida e da Alegria. São vinte anos marcados por mudanças e intensos desafios, que para a história, transcorreram como num abrir e fechar de olhos. A *Evangelium Vitae* é uma carta que mantém sua atualidade diante das ameaças e atentados à vida humana que continuam de maneira vertiginosa. A lição não foi aprendida, o conselho não foi ouvido.

Não desejamos iniciar ou conduzir esta reflexão de maneira pessimista, mas reafirmar a relevância da exortação de São João Paulo II nestes novos tempos, que nos escreve com a força e a alegria do Evangelho.

Este artigo versará sobre alguns parágrafos da *Evangelium Vitae* buscando iluminar questões relacionadas à vida do ser humano que todos os dias continuam sendo ferida em sua dignidade.

Bioética, Dignidade e Direitos Humanos

A *Encyclopedia of Bioethics* (EUA) segunda edição, publicada em 1995, mesmo ano da *Evangelium Vitae*, define Bioética como o estudo sistematizado de todas as “dimensões morais – incluindo visão, decisão, conduta e normas morais – das ciências da vida e da saúde, utilizando uma variedade de metodologias éticas num contexto interdisciplinar” (REICH, Warren T. Editor-Chefe, in: PESSINI, 2012, p. 4). É um neologismo derivados de duas palavras gregas *bio* – vida e *ethike* – ética.

A motivação epistemológica de João Paulo II na elaboração da carta encontra-se com o nascimento da Bioética (com Potter desde a década de 1970). A Igreja manifesta-se mais uma vez, com veemente preocupação acerca da vida humana, desde o ventre materno até o seu findar. Dentre os temas abordados, encontra destaque o aborto (EV 58-63) e a eutanásia (EV 68-74). João Paulo II, na EV, ao reconhecer a bioética racional, a considera como um caminho necessário para o diálogo com os vários setores

sociais e o diálogo ecumênico. A *Evangelium Vitae* foi o documento magisterial sobre Bioética mais importante do século XX.

Convém citar *EV 3*:

[...] Concílio Vaticano II, numa página de dramática atualidade, deplorou fortemente os múltiplos crimes e atentados contra a vida humana. À distância de trinta anos e fazendo minhas as palavras da Assembleia Conciliar, uma vez mais e com idêntica força os deploro em nome da Igreja inteira, com a certeza de interpretar o sentimento autêntico de toda a consciência reta: “Tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas estas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo em que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador”.

Toda pessoa, conforme a fé cristã, é única e digna, é dom e grandeza, insubstituível e respeitável, distinta e irrepetível. Deus na sua misericórdia, que se deixou derramar sobre o gênero humano, destinou a todos o seu projeto de salvação e de esperança. A dignidade humana está vinculada ao mistério de Deus, pela criação e pela salvação. Infelizmente, nem sempre essa dignidade é compreendida, respeitada e assumida como graça de Deus e na magnanimidade que abarca o mistério da existência humana. São muitos os mecanismos de alienação e de desumanização que estão presentes nas sociedades e em todos os tempos. Durante a história, não faltaram “justificativas” para legitimar processos exploratórios em nome da ciência, do desenvolvimento e até em “nome” de Deus.

Durand (2003) define a dignidade humana como algo que em si é capaz de suscitar o respeito, evitando prejudicar, explorar, ao mesmo tempo em que manifesta consideração pelo outro, estima, reconhecimento do outro enquanto outro; um outro que é idêntico e ao mesmo tempo

distinto. O outro é portador da mesma humanidade, porta a mesma dignidade que eu possuo.

Esse parâmetro de simetria que constitui o ser humano abre o diálogo para muitas questões como a equidade de condições, justiça, distribuição de renda solidariedade, direitos e deveres etc.

Segundo a ONU, os direitos humanos “são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição”. Incluem em todas as circunstâncias o direito à vida e à liberdade, “à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre e muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação”.¹

A violação dos direitos humanos, de forma evidenciada ou velada, apresenta-se nos diversos segmentos sociais e culturais. O tempo todo somos interpelados diante dos sinais de desrespeito e indiferença. Apesar da simetria de condições estabelecida pelo dado humano-existencial e pelos direitos constituídos, que nos torna todos irmãos e pareados, na prática, na realidade cotidiana da coletividade, encontramos perversas desigualdades, abismo intransponíveis.

Alguns elementos podem ser destacados como, a utilização do termo “bioética” pelo magistério pontifício e o reconhecimento de que a bioética favoreceu o diálogo “entre crentes e não crentes”, e entre cristãos e crentes de outras diversas religiões, ao tratar de assuntos éticos especialmente os relacionados diretamente à vida humana (EV 27 e 98).

Outros elementos também surgem como fundamentais, o assunto da sobrevivência e da visão global da vida na dinâmica do ecossistema, ressaltados anteriormente por V. R. Potter. No capítulo quarto da encíclica há uma descrição ampla acerca da cultura da vida que deve sobrepor à cultura da morte – um dos aspectos mais importantes da manifestação cultural em nossos tempos em favor da vida. Apresenta um paradigma de compreensão da ética e da vida, de caráter antropológico e teológico – colocando a pessoa humana como centro da reflexão. É o *paradigma do Evangelium Vitae*. Para Leitão Filho (1996, p.12):

¹ ONU. Em: <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-os-direitos-humanos/Acesso> em 03/10/2014.

O Papa se refere, por exemplo, no que diz respeito às causas, ao que levaria a sociedade, a nossa civilização, a se afastar da vida, a praticar essa distorção que prefere a morte à vida. Refere-se à problemática social, à sociedade complexa, à pobreza, à angústia, à exasperação, à luta pela sobrevivência, à dor insuportável e à violência do cotidiano. Isso ele faz de passagem e diz ainda que a cultura da morte é promovida por fortes correntes culturais, econômicas e políticas, portadores de uma concepção eficientista da sociedade.

João Paulo II, ao explicitar sobre o paradigma do *Evangelho da Vida* vai rejeitar o modelo *pragmático-utilitarista* utilizado pela bioética, porque substitui o critério da dignidade da pessoa pelo critério da eficiência, utilidade ou funcionalidade. Critica os modelos *radical e hedonista*. E Insistirá sobre a formação para uma cultura da vida.

Para Trasferetti (2013), João Paulo II, ao introduzir a encíclica *Evangelium Vitae*, relaciona de maneira assertiva “a grandeza e o valor precioso da vida humana ao valor incomparável de cada pessoa humana. O ser humano é chamado a viver como pessoa numa dimensão de profunda dignidade.” E segue o autor acima afirmando que o Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, n. 27 “condenou de forma veemente todas as ações humanas que se opõem à dignidade da vida. Infelizmente, como o próprio papa João Paulo afirmou em sua encíclica, vivemos numa “cultura de morte”.

A cultura de morte que se refere o Papa João Paulo II, diz respeito às inúmeras formas de maus-tratos e violação da pessoa impostas pela cultura contemporânea. Para chamar a atenção utiliza a mesma pergunta que o Senhor dirigiu a Caim em Gênesis 4, 10. Assim:

[...] A pergunta do Senhor “que fizeste?”, à qual Caim não se pode esquivar, é dirigida também ao homem contemporâneo, para que tome consciência da amplitude e gravidade dos atentados à vida que continuam a registrar-se na história da humanidade, para que vá à procura das múltiplas causas que os geram e alimentam, e, enfim, para que reflita com extrema seriedade sobre as consequências que derivam desses mesmos atentados para a existência das pessoas e dos povos (EV 10).

Acrescenta o Papa, que algumas ameaças decorrem da própria natureza, mas podem ser agravadas pela falta de cuidado intencional do ser

humano e pela negligência. Outras ameaças resultam de situações de “violência, de ódio, de interesses contrapostos, que induzem homens a agredirem outros homens com homicídios, guerras, massacres, genocídios”.

Ainda o n. 10 da *EV*:

Como não pensar na violência causada à vida de milhões de seres humanos, especialmente crianças, constrangidos à miséria, à subnutrição e à fome, por causa da iníqua distribuição das riquezas entre os povos e entre as classes sociais? Ou na violência inerente às guerras, e ainda antes delas, ao escandaloso comércio de armas, que favorece o torvelinho de tantos conflitos armados que ensanguentam o mundo? Ou então na sementeira de morte que se provoca com a imprudente alteração dos equilíbrios ecológicos, com a criminoso difusão da droga, ou com a promoção do uso da sexualidade segundo modelos que, além de serem moralmente inaceitáveis, acarretam ainda graves riscos para a vida? É impossível registrar de modo completo a vasta gama das ameaças à vida humana, tantas são as formas, abertas ou camufladas, de que se revestem no nosso tempo!

Vinte anos depois, num século que inicia marcado por desastrosos episódios de violência e guerra, o Papa Francisco, na Encíclica *Evangelii Gaudium (EG)* reitera que a “dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios.” E completa seu pensamento: “Quando esses valores são afetados é necessária uma voz profética”. (FRANCISCO, 2013, p. 218).

Ele mesmo é um dos profetas de nosso tempo machucado, injusto e escravizado. A voz do Papa, seu testemunho, seus sinais de coragem e fervor evangélico arrasta multidões, chama de volta os que se acomodaram ou se apoiaram em mágoas ou falta de esperança. Francisco aponta para as novas formas de pobreza e fragilidade, chamando-nos atenção para iniciativas que resultem em solidariedade e ressignificação da vida humana:

Embora, aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor numa Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma

abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais. Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo fator de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro! (EG 210)

Para Francisco a dignidade de cada pessoa e o bem da coletividade são questões “que deveriam estruturar toda a política econômica, mas às vezes parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral” (EG 203).

Educação para uma Cultura de Vida: Conscientização e compromisso ético

Na Declaração *Gravissimum Educationis* (GE) sobre a Educação Cristã, promulgada em 28 de outubro de 1965, é explicitado que o sentido do existir da Igreja é a evangelização, e este chamado se dirige também à evangelização nas culturas. O Concílio Vaticano II considera a educação “uma responsabilidade da Igreja, na medida em que por esta atividade se cria, transmite e transforma a cultura” (ANDRADE, 2004, p. 405).

O que a Igreja não assume, não encarna, não salva. E a Igreja existe no ato pastoral, no encontro dialógico e vivo nas sociedades, colocando-se a serviço da vida humana. Efetivamente o paradigma dialógico pós-conciliar, revela uma consciência nova da relação entre a fé e a cultura, que nesse novo tempo de pontificado, encontra eco. Esse processo mistagógico de evangelização, de encontro entre culturas, entre sociedades, entre igrejas, é enriquecido pela educação, quando, através da desconstrução de contra valores reelabora novas maneiras de dialogar, de interagir e edificar.

Entendemos que a educação é parte indispensável da missão da Igreja. E não se pode prescindir da fonte primária da educação que é a própria família, hoje nas suas variadas configurações que devem ser acolhidas. A responsabilidade pela educação não deveria ser transferida para outro grupo ou mesmo ser monopolizada pelo Estado. O acesso à

educação é um direito da pessoa não cabendo em nenhuma hipótese a negligência da mesma.

Tigre (1996, p.7) afirma que para João Paulo II, é fundamental, na empreitada pela defesa da vida, a presença dos educadores. “A eles cabe a tarefa de mobilizar a sociedade para que os homens de ‘boa vontade’, para que a ‘reta razão’ saia em defesa da vida - da cultura da vida em oposição à cultura da morte”. Não é um processo simples, ao contrário, é complexo, deve ser diário e permanente. Deve encontrar a colaboração dos educadores e intelectuais. “Esta reflexão, sobre a ética cristã da vida, deve ser feita nos locais de trabalho - seja na escola, na universidade, nos laboratórios, nos centros artísticos - enfim, no cotidiano de cada um”.

A educação que nos referimos diz respeito também à construção de uma base sólida a partir da fé cristã. Entendemos que essa dinâmica educacional administra a autoridade que não provém de uma obediência cega ou não reflexiva, mas busca um discernimento ordenado em vista da maturidade e da humanização da pessoa. É uma educação eficaz, a partir de uma consciência crítica e moralmente importante. A sociedade plural em transformação precisa de homens e de mulheres que desejem assumir responsabilidades e sejam capazes de multiplicá-las. Embora seja uma mensagem de caráter universal, porque diz respeito a todos os homens e mulheres, nos dirigimos à realidade eclesial-pastoral. Assim afirmamos que a pastoral precisa de homens e mulheres firmes na fé e integrados na vida (TAVARES, 2014).

Todas as pessoas possuem condição e capacidade para transformarem a si mesmas e os ambientes que as cercam. Todo ser humano, sensível e aberto, não se esgota em si mesmo, mas participa como sujeito concretamente no mundo, *com* os outros, *com* e *em* Deus (TAVARES, 2011). Portanto, a educação é um efetivo instrumental para a libertação e integração da pessoa. Se assim o é, devemos investir na formação de pessoas livres e capazes de tomar as rédeas de suas vidas assumindo com autonomia a realidade em que se encontram. Passam a ser coautoras da História. É exercício da liberdade na qual todo ser humano deve sentir-se interpelado, implicando correr os riscos relacionados e a avançar no processo de reumanização (TAVARES, 2011).

Neste sentido, é fundamental ter-se em conta o processo de conscientização, na dimensão de um compromisso histórico e a descoberta de que se pode avançar para posturas mais éticas e responsáveis. Num contexto de escravidão, para o educador Paulo Freire, a pessoa, quando se percebe oprimida, escravizada deve assumir que a libertação só é possível a partir da transformação das situações concretas que se encontram ao seu redor. Esse fator engaja a pessoa para agir como denunciante de estruturas que desumanizam, conduzindo-a ao anúncio de estruturas humanizadoras e mais justas e solidárias (FREIRE, 2007a, p. 97-99).

Segundo FREIRE (2007b) homens e mulheres dialogam e se colocam em contato *com* o mundo e *no* mundo. O desenvolvimento para uma consciência mais crítica passa pela “leitura do mundo” e o ato de “ler” é ver o mundo, é “ler o mundo” na sua novidade e complexidade.

Ler o mundo com “o olhar voltado para Cristo, o Verbo da vida” (EV 29) João Paulo II exorta-nos de que este é o momento em que o Povo de Deus, e nele cada um dos crentes, é chamado a professar, com humildade e coragem, a própria fé em Jesus Cristo, “o Verbo da vida” (1 Jo 1, 1).” Não se trata de uma simples reflexão, mesmo que tenha uma perspectiva original e profunda, sobre a vida humana e sua essência; também não é um preceito que sensibilize a consciência e provoque mudanças significativas na sociedade; também não é uma ilusória promessa de um futuro melhor, por mais sedutora que seja a proposta. Afirma João Paulo II que o *Evangelho da vida* é uma “realidade concreta e pessoal, porque consiste no anúncio da *própria pessoa de Jesus*.” (EV 29).

Assim, na experiência com a pessoa de Jesus, recebemos a possibilidade de “conhecer” *a verdade plena* sobre o valor da vida humana. Desta “fonte”, nos vem, de forma especial, a capacidade de “praticar” perfeitamente tal verdade (Jo 3, 21), ou seja, “a capacidade de assumir e realizar em plenitude a responsabilidade de amar e servir, de defender e promover a vida humana” (EV 29)

A práxis de Jesus, o seu agir concreto na realidade histórica, através de seus gestos e palavras, aponta para o serviço ao Reino de Deus, com sua ação amorosa e misericordiosa, de um amor destinado

aos privilegiados do Reino. Jesus anuncia o Reino de Deus aos pobres e denuncia todo tipo de escravidão, de alienação e de exploração. Para a fé cristã, a vida humana, em todas as suas expressões, é assumida e contemplada a partir da luz do Cristo “ressuscitado-exaltado” e colocada a serviço do Reino de Deus. Toda realidade humana, toda existência é incluída na ação salvífica da graça de Deus, que tudo santifica e dá pleno sentido, pois nada perde dignidade e valor.

Cabe a ética cristã, na sua explicitação, revelar uma visão do homem-pessoa na sua integralidade, pois o chamado de Deus se dá em favor da vida e não da morte. A ética cristã fundamenta-se no valor incomparável, inviolável e inalienável da vida humana, aponta para a verdade fundamental que toda pessoa, sem exceção, em qualquer situação que se encontre deve ser respeitada e acolhida na sua dignidade e sacralidade² (TAVARES, 2011).

O seguimento e o discipulado de Jesus fazem parte da adesão ao Reino de Deus. Para Jesus o Reino é prioridade. Todas as demais realidades as relativiza, sem que as desvalorize ou as despreze, pois sua vida traz novo sentido a tudo. A corporeidade, a sexualidade, o ser humano inteiro é assumido por Cristo e salvo no seu amor. Seu anúncio é presença e libertação. O agir de Jesus é sempre em vista da pessoa humana, reflexo do seu amor pelo Pai, do seu *Abba*.

Somente em Jesus Cristo, no seu amor e seguimento, o ser humano é assumido como *pessoa*, desde o primeiro instante da concepção até o último sopro de vida, levando em conta todo o seu desenvolvimento (PAULO VI, 2001, n. 1-6). O Deus-Amor, que ama com o amor-agápico, situa e transforma o amor humano, o amor entre homem-mulher, enriquecendo as relações, fecundando e humanizando os relacionamentos humanos, para que as tentações de uma subjetividade fechada, egoísta e de dominação sejam superadas dando lugar ao amor, à reciprocidade, à alteridade e à justiça. O Amor de Deus exprime sua liberdade e para os cristãos é inspiração e critério para o agir moral. Em Jesus e a partir de Jesus, a pessoa é reconhecida na sua dignidade e deve viver a partir dessa mesma dignidade.

² Cf. JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae (EV)*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995, n. 2, p. 6-8.

Evangelho da Vida e Alegria do Evangelho: novos tempos

É recorrente a afirmação magisterial de João Paulo II sobre a sacralidade e inviolabilidade da vida humana (EV 52). Cita-se:

A vida humana é sagrada, porque, desde a sua origem, supõe "a ação criadora de Deus" e mantém-se para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim. Só Deus é senhor da vida, desde o princípio até ao fim: ninguém, em circunstância alguma, pode reivindicar o direito de destruir diretamente um ser humano inocente". Com estas palavras, a Instrução *Donum vitae* expõe o conteúdo central da revelação de Deus sobre a sacralidade e inviolabilidade da vida humana. (EV 53)

O Deus da vida, Senhor da história e das nações, chama seu povo, chama sua Igreja a dar novos passos em direção à cultura da vida. Os embates são duradouros, a ação evangelizadora encontra desafios cada vez mais complexos. A sociedade está em sofrimento. A missão é contínua e ininterrupta. Urge que a Igreja, através de sua riqueza ministerial, dialogue sinceramente com a sociedade, continue colocando-se ao lado dos mais pobres, frágeis e vulneráveis. Essa é a Igreja da profecia, da coragem, sempre renovada diante das instabilidades e tempestades que continuam a ameaçar a integridade e sobrevivência humana. Deus não tolera que seus filhos sejam mal tratados, destinados à solidão e ao abandono, lançados à própria sorte.

[...] Deus proclama-Se Senhor absoluto da vida do homem, formado à sua imagem e semelhança (Gn 1, 26-28). A vida humana possui, portanto, um caráter sagrado e inviolável, no qual se reflete a própria inviolabilidade do Criador. Por isso mesmo, será Deus que Se fará juiz severo de qualquer violação do mandamento "não matarás", colocado na base de toda a convivência social. Deus é o *goel*, ou seja, o defensor do inocente (Gn 4, 9-15; Is 41, 14; Jr 50, 34; Sal 19 18, 15). Deus comprova, assim também, que não Se alegra com a perdição dos vivos (Sab 1, 13). (EV 44)

Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, faz veemente apelo à conversão pastoral, é categórico, inadiável e desejoso que "todas as comunidades se esforcem por usar os meios necessários

para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária; [...] não se pode deixar as coisas como estão” (EG 25).

A Igreja perscruta o mistério da Redenção, contempla com assombro e admiração incessantes este valor, e sente-se chamada a anunciar aos homens e mulheres de todos os tempos este “evangelho”, fonte de esperança invencível e de alegria verdadeira para cada tempo da história. “O Evangelho do amor de Deus pelo homem, o Evangelho da dignidade da pessoa e o Evangelho da vida são um único e indivisível Evangelho. É por este motivo que o homem, o homem vivo, constitui o primeiro e fundamental caminho da Igreja!” (EV 2).

Como “povo de Deus”, no seu amor generoso, deu-nos o Evangelho da vida e, por este mesmo Evangelho, nos transformou e salvou respondemos ao seu apelo, já presente na Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. Para que esta resposta seja efetiva e transformadora, multiplicadora da cultura da Vida, três momentos são inseparáveis:

- a) *Anunciar o Evangelho da vida* (EV 80) - Somos enviados e enviados como povo (EV 79):

A dimensão diaconal é um dever que nasce da consciência de todo batizado. Somos o povo que o Senhor adquiriu para si (1 Ped 2, 9). O compromisso de servir a vida é uma responsabilidade “eclesial”, pois todo o povo de Deus em comunhão é chamado ao serviço generoso pelo seu Reino.

Práxis, serviço e testemunho ético são inseparáveis. Refletem a alegria e a esperança presentes na vida cristã. Estar comprometido com a vida humana é uma atitude indispensável na vida do *discípulo missionário*. Essa realidade revela sinais de alegria, esperança, entusiasmo, diálogo, aceitação, acolhimento e celebração. (TAVARES, 2014)

Entendemos que o Papa Francisco anuncia um renovado tempo de evangelização,

marcado pela “saída” ao encontro do outro; pela necessária escuta do outro; pelo toque afetuoso que revela o comprometimento; pelo olhar que faz o outro acreditar que está sendo amado. Conscientes desse privilégio de portar o mistério da Igreja de Cristo, de “portar” e de “ser” ao mesmo

tempo uma Igreja encarnada num espaço concreto, anunciadora de Jesus Cristo na Alegria e com bom propósito, e que na humildade apresenta seu rosto [...] (TAVARES, 2014).

- b) *Celebrar o Evangelho da vida* (EV 83) diante de tantas dores e sofrimentos, da falta de esperança e de sentido de vida; é preciso celebrar o dom maior:

A celebração e o diálogo são momentos fundamentais para o dinamismo da Igreja que está em “saída”, que se dirige ao outro com alegria e em adoração. Somente os seres humanos, homens e mulheres, seres de abertura e relacionais são capazes de levar adiante um projeto ético, realizando a complexa tarefa de transformação do meio onde vivem e da sociedade em sua extensão. Muitos homens e mulheres passam pelo mundo “inconscientes” de que estão no mundo e do “poder” que possuem, como capacidade e dom para mudar as situações. Ignoram a si mesmos e aos outros. A lucidez sobre o fato da existência, do dom de existir é o “passaporte” para o rompimento das aderências que prendem os seres humanos em estagnações e em imobilidades. A existência na sua completude exige celebração. “Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se.”

- c) *Servir o Evangelho da vida* (EV 87):

A Igreja sempre firmou sua posição favorável à dignidade humana e à vida em plenitude, colaborando decisivamente no processo de construção da alteridade para a humanização e para uma vivência mais intensa do amor e do serviço ao próximo. A Igreja encontra em sua essência e no transbordamento do Espírito Santo, todas as condições para tomar a iniciativa (. Rm 5,5). Urge que a Igreja auxilie no processo humano de encontro entre liberdade e responsabilidade para um agir ético e solidário.

Reitera João Paulo II que:

[...] O Evangelho da vida é para bem da cidade dos homens. Atuar em favor da vida é contribuir para o renovamento da sociedade, através da edificação do bem comum. De facto, não é possível construir o bem comum sem

reconhecer e tutelar o direito à vida, sobre o qual se fundamentam e desenvolvem todos os restantes direitos inalienáveis do ser humano. Nem pode ter sólidas bases uma sociedade que se contradiz radicalmente, já que por um lado afirma valores como a dignidade da pessoa, a justiça e a paz, mas por outro aceita ou tolera as mais diversas formas de desprezo e violação da vida humana, sobretudo se débil e marginalizada. Só o respeito da vida pode fundar e garantir bens tão preciosos e necessários à sociedade como a democracia e a paz [...] (EV 101).

Mais recentemente, Papa Francisco partilha com ternura que a missão um dia assumida através de seu ministério presbiteral, é como uma missão impressa, que está no coração do povo e “não é uma parte da minha vida, ou um ornamento [...]. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não quero me destruir. Eu sou uma missão, nesta terra, e para isso estou neste mundo” (EG 273). Com isso o Santo Padre aguça e desperta em nós as áreas mais profundas de nossa descoberta vocacional e nos lança à consciência de que o serviço pastoral-comunitário é parte integrante da vida de todo cristão.

Considerações finais

O *Evangelho da vida*, que nos foi oferecido da parte do Senhor, encontra um eco profundo em cada coração, em homens de fé e também nos que se declaram não crentes. O clamor pela vida, pela dignidade da vida humana é capaz de superar todas as barreiras humanas, sociais, culturais e religiosas. Mesmo entre dificuldades, complexos desafios, perguntas não respondidas, apelos quase impossíveis de serem superados “todo o homem sinceramente aberto à verdade e ao bem pode, pela luz da razão e com o secreto influxo da graça, chegar a reconhecer, na lei natural inscrita no coração (Rm 2,14-15)” (EV 2). A comunidade humana reconhece o valor sagrado de sua vida, da contracepção até ao seu termo, e afirma incessantemente o direito de que todos sejam respeitados em todas as suas dimensões.

Para consolidar aspectos humano-existenciais que sejam capazes de sustentar o direito à vida na sua plenitude, entendemos que a ética cristã, na sua explicitação, tem um papel fundamental. A ética norteia

fatores antropológicos e revela uma visão do homem-pessoa na sua integralidade, pois o chamado de Deus se dá em favor da vida e não da morte. A ética cristã fundamenta-se no valor incomparável, inviolável e inalienável da vida humana, aponta para a verdade fundamental que toda pessoa, sem exceção, em qualquer situação que se encontre deve ser respeitada e acolhida na sua dignidade e sacralidade (EV 2), (TAVARES, 2011).

Referências

ANDRADE, P. F. C. A educação do ser humano realizada entre fé e cultura: A contribuição do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Orgs.). *Concílio Vaticano II: Análises e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 405-417.

CONCILIO VATICANO II. Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã. In: *Compêndio do Vaticano II*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 579-596.

DURAND, G. *Introdução Geral à Bioética: História, Conceitos e Instrumentos*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Edições Loyola, 2003.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (EG)*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007a.

_____. *Educação como prática da Liberdade*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007b.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae* sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Paulinas, 1995.

LEITÃO FILHO, H. F. A Carta Encíclica *Evangelium Vitae*: Refletindo sobre o valor incomparável da vida humana. In: JESUS HORTAL et alii. A Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. In: *Revista Magis, Cadernos de Fé e Cultura*, n. 10, 1996.

PAULO VI. *Carta Encíclica Humanae Vitae*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

PESSINI, L. *Espiritualidade e a Arte de Cuidar*. O sentido da fé para a saúde. São Paulo: Centro Universitário São Camilo e Edições Paulinas, 2010.

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. (Orgs.). *Problemas atuais de Bioética*. 10 ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo e Edições Loyola, 2012.

TAVARES, C. Q. *Sexualidade humana: educação libertadora para o amor*. Reflexões ético-teológicas mediadas pela Práxis Educacional de Paulo Freire a serviço de uma pastoral comprometida com a vivência humanizada da dimensão afetivo-sexual. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

_____. Espiritualidade e Bioética: Prevenção da “Violência” em Instituições de Saúde. *Rev. Pistis Praxis*, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 39-57, jan./jun.2013.

_____. *Evangelii Gaudium em Questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora PUC-Rio e Paulinas, 2014.

TRASFERETTI, J. A. Teologia moral, bioética e cultura da morte. *Rev. Pistis Prax.*, Teol. Pastor., Curitiba, v. 5, n. 1, p. 147-168, jan./jun. 2013, p. 157.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/definicao/documentos/>>. Acesso em: 03/10/2014.

Recebido: 08/06/2015

Received: 06/08/2015

Aprovado: 04/08/2015

Approved: 08/04/2015